

Ms. 12658

REP. OR

IMP LRA

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 19

Co. L. 11

# A Verdade e a Guerra

PUBLICADA PELO

**Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa**



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—  
1917



## A Verdade e a Guerra

---

Devido provavelmente ao facto de ter sido suprimido em certos circulos, tem chamado a atenção do publico um livro por E. D. Morel, intitulado *A Verdade e a Guerra*, e por isso mesmo vale a pena examiná-lo. O titulo do livro afirma evidentemente que o autor não se limita a fazer a apologia dum dos contendores; declara ser imparcial, contar toda a verdade. Vejamos até que ponto Mr. Morel justifica essa sua alta atribuição.

Tratando dos anos que precederam a guerra ha um capitulo sobre os preparativos militares da Russia; ha um outro capitulo sobre os preparativos militares da França; o que não se encontra é um capitulo sobre os preparativos militares da Alemanha. E' assim que se conta a verdade? Veem pormenorizados os acontecimentos que levaram a França a promulgar a Lei de Tres Anos para o serviço militar. Nada diz do facto que, pouco antes da promulgação desta lei, a Alemanha tinha aumentado enormemente o seu exercito. E' assim que se conta toda a verdade? Ha um capitulo sobre a Guerra Comercial em que Mr. Morel condena a politica dos Aliados de estabelecer depois da guerra tarifas contra a Alemanha. Porém não condena nem mesmo indica os preparativos já encetados pela Alemanha para uma guerra comercial, muito antes da Conferencia de Paris de junho de 1916 em que os Aliados se reuniram para discutir uma politica economica de defeza.

Num capitulo que obedece ao titulo *O Militarismo e a Besta*, cita Mr. Morel meia duzia de passagens tiradas de escritores britannicos para provar que não era só a Alemanha que tinha fé numa guerra de terrorismo. Porém o que importa não é o que um ou outro escritor britannico ou alemão tivesse dito; importa o que durante estes tres anos a Alemanha tem praticado. Foi ela a criminosa que introduziu — com desprezo da propria palavra — todos os meios empregados para tornar a guerra mais cruel, desde os gazes asfixiantes (invenção que foi submetida ao governo britannico ha 50 anos e rejeitada por ser deshumana), até ao trabalho forçado dos civís e o afundamento sem aviso no alto mar de paquetes carregados de passageiros.

Esses são alguns exemplos dos métodos que emprega Mr. Morel. Era facil percorrer o seu livro, capitulo por capitulo, e quasi pagina por pagina, e provar que nunca dá senão uma pequena parte da verdade, e que (seja qual fôr o motivo que o inspira) a verdade vem sempre apresentada de forma ou a servir de desculpa ou de capa aos factos que condenam a Alemanha. O certo é que o autor está muito longe de contar toda a verdade: o seu empenho evidente é apresentar sobre o melhor aspecto possivel o procedimento da Alemanha.

E' quando discute a significação da palavra militarismo, e as ambições e crenças da Alemanha, que mais deturpa a verdade. Do militarismo diz que não é producto alemão, que tanto se pode dizer que é producto britannico. Segundo

a definição dele o militarismo é «uma filosofia que considera as nações como unidades antagónicas e que impõe aos povos o fardo de manter uma força armada». Não diz ter existido na Alemanha antes da guerra o que nunca existiu na Gran-Bretanha: a glorificação da guerra por amor á guerra. Que se lhe dê o nome de militarismo ou outro qualquer, o militarismo existia de facto na Alemanha e não existia em nenhum outro paiz. Vem expresso nos escritos e nos discursos dum grande numero de alemães. «A guerra coordenada é a forma melhor e mais elevada da luta pela existencia», «a guerra é a mais grandiosa e a mais sagrada das actividades humanas»: nestes termos se discutia a guerra. Um povo que pode assim falar da guerra não empreende uma guerra, como quer Mr. Morel, simplesmente por recear uma agressão.

Mr. Morel nega egualmente que haja conflicto de ideais entre a Gran Bretanha e a Alemanha; chama a essa opinião uma alucinação extraordinaria. O Presidente Wilson, para quem Mr. Morel apelou como sendo «o unico homem que poderá pelo seu character e pela alta posição que occupa, salvar as almas dos povos da Europa», e que, como é de supôr, não sofre de alucinações, escreveu na sua resposta ao Papa que a America combate «para libertar os povos livres do mundo da ameaça e da força existente dum vasto conluio militar dirigido por um governo irresponsavel que *projectava dominar o mundo*».

«Até ao presente, diz Mr. Morel, não existe nenhuma prova que o Partido de Rapina, tenha

ganho a maquina official alemã, muito menos a maioria da opinião publica.» Diz mais, que tanto ele como aqueles que estão com ele, seriam dos primeiros a declarar que a aceitação pela Alemanha official da politica do Partido de Rapina, resultaria numa união de inquebrantavel resistencia de todas as côres e todas as secções do pensamento britanico. Contudo ha a mais ampla prova do que Mr. Morel affecta não acreditar, e que basta para o unir desde já ao resto dos seus conterraneos numa «inquebrantavel resistencia» á Alemanha — sendo sinceros os seus protestos. Mr. Gerard, embaixador americano em Berlim, uma testemunha da actualidade e duma grande força, declarou que, ao romper a guerra «o sentimento geral entre os alemães era que os anos de preparatorios trariam agora o seu fruto, que a Alemanha conquistaria o mundo e imporia a sua *kultur* a todas as nações». Existe a memoria duma sua conversação tida em janeiro de 1917 com Herr von Bethmann-Hollweg que definiu a «evacuação da Belgica» como tendo a significação que a Alemanha só retinha posse dos fortes, dos caminhos de ferro e dos portos, que dominaria o commercio belga e manteria no paiz um grande exercito em pé de guerra. E Bethmann-Hollweg caiu do poder por ser em demasia moderado.

Outra testemunha é o panfleto pan-germanista, publicado por Herr Lehmann de Munich, *O Futuro da Alemanha depois duma paz boa e duma paz má*, em que esse autor define a «boa paz» como sendo a posse pela Alemanha e pelos seus

aliados das provincias russas do Baltico, da Belgica, da costa norte da França, dos Balkans, da Arabia, do Egypto, do Sudão, de Marrocos, de Tunis, de toda a Africa Central e da maior parte da Africa do Sul, e a união numa aliança germanica de todos os paizes da Europa, excéto a França e a Russia, contra a Gran Bretanha e os Estados Unidos da America. Este projecto de dominio mundial não foi o resultado (como pretende Mr. Morel dever ter sido) de ameaças aggressivas dirigidas pelos Aliados á Alemanha. E' a resposta ás propostas de paz feitas pelos socialistas Scheidemann. Nem é tão pouco um projecto sem autoridade, pois o panfleto foi distribuido aos milhares pelas autoridades militares do exercito alemão. E é em face de tais provas que Mr. Morel diz não ver «nenhum desejo por parte da Alemanha de subjugar a Europa», e escreve que uma guerra militar indecisa oferece a unica perspectiva duma paz decisiva.

Na capa do livro de Mr. Morel vem a figura da Verdade apresentando um espelho deante do capacete de Marte; no espelho vem reflectido Marte como a caveira da morte. Está bem escolhida a figura. Em toda a face humana ha uma caveira e qualquer dia poderão os homens de sciencia produzir um espelho que nos faça ver só a caveira. O espelho não indicará toda a verdade a nosso respeito, mas pelo menos aproximar-se-ha tanto da verdade como o que Mr. Morel nos conta a respeito dos Aliados e da guerra.

